

CAMARGO, Dênis.¹ A manifestação do afeto no encontro do palhaço visitador com o participante/ enfermo no Projeto Risadinha. Brasília: Universidade Federal de Brasília; Aluno Mestrado; PPG-ARTE-UnB; Orientador Dr. Marcus Mota. Ator, Palhaço, Diretor.

RESUMO

O presente artigo pretende analisar a manifestação do afeto no encontro do palhaço visitador com o participante/ enfermo no Projeto Risadinha. Para isso, fará uso da trajetória do grupo, da experiência com outros grupos que atuam em hospitais, do projeto Palhaços em Rede dos Doutores da Alegria e se utilizará do entendimento da psicologia psicanalítica sobre a presença e manifestação do afeto no ser humano.

Palavras-chave: Palhaço Visitador. Afeto. Humanização.

RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser l'expression de l'affection dans la rencontre avec le participant visiteur patient dans le projet Risadinha. Pour ce faire, je vais utiliser de la trajectoire du groupe, de l'expérience avec d'autres groupes travaillant dans les hôpitaux, l'utilisation du projet Palhaços em Rede du Doutores da Alegria et la compréhension de la psychologie psychanalytique de la présence et l'expression de l'affect chez l'homme.

Mots clés: Formation. Clown. L'apprentissage.

Artigo

O presente artigo pretende analisar a manifestação do afeto no encontro do palhaço visitador com o participante/ paciente hospitalizado. O Projeto Risadinha atua no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), em Brasília, Distrito Federal. Utilizarei como ferramenta de discussão a ação dos palhaços do Risadinha, porque possui a trajetória de 13 anos de existência. Uso o conceito de participante porque depois de anos de execução de suas ações, o grupo entende que o nosso "participante" não pode ser considerado "paciente". A denominação paciente é vinculada ao tratamento que ele busca, principalmente, na sua relação com a equipe médica hospitalar e não com as ações do grupo Risadinha.

Trajectoria

Do ponto de vista epistemológico, além de um conjunto de noções de

¹ Mestrando em Artes pela Universidade de Brasília – Instituto de Artes. Linha de pesquisa: Processos Compositivos para a Cena. Orientador: Prof. Dr. Marcus Mota. Denis Camargo é criador e integrante do grupo de teatro BR S.A – Coletivo de Artistas e do projeto social realizado pelo Grupo Risadinha – ação pelo riso e pela saúde!. Atua no Distrito Federal desde sua formação acadêmica pela UnB como ator, diretor, produtor e palhaço. E-mail: deniscamargo2@hotmail.com ou denis.camargo@gmail.com
<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>>.

referência conceitual, vale considerar a minha trajetória² pessoal e os anos de existência do projeto Risadinha. Ele nasceu em 1998 a convite do ex-diretor do Hospital Regional da Asa Norte – HRAN, Dr. Saraiva, que me pediu para implantar uma ação teatral que envolvesse a participação dos pacientes hospitalizados. Na época, eu não consegui realizar essa tarefa porque necessitava do comprometimento dos participantes nos encontros regulares, pela minha falta de experiência prática e conceitual e por todos os demais problemas que isso poderia suscitar. Ademais, sabia que a maioria dos internados não tinha conhecimento do que era a arte teatral e, por outro lado, haveria o risco do descontrole nos cuidados na prevenção da infecção cruzada. Para melhor esclarecer, infecção cruzada é ocasionada pela transmissão de um micro-organismo de um paciente para outro, geralmente pelo pessoal, ambiente ou um instrumento contaminado”³.

Diante de tanta dificuldade, decidi convidar voluntários com ou sem experiência para iniciarmos o processo de implantação dessa ação teatral. A princípio apareceram cinco voluntários, e por isso, escolhi o texto *Pequeno Retábulo de Dom Cristóvão*, de Federico García Lorca, uma farsa para Guinhol, de 1931. O segundo espetáculo *O boi e o burro a caminho de Belém*, auto de Natal de Maria Clara Machado. O primeiro, baseado na linguagem de teatro de fantoche e meia máscara; e o segundo contou com manipulação de bonecos de vara e uma tentativa de utilizar a linguagem do palhaço.

Dessas experiências frustrantes restaram as reflexões: qual seria a estética ideal para esse tipo de espaço? Quais os atuantes ideais para esse tipo de poética? Existe um procedimento específico para preparar os atuantes para esse tipo de ação?

Depois de muito refletir, deduzi que o Projeto Risadinha deveria ser executado nas ações do palhaço. Ao iniciar-me na linguagem do palhaço, descobri que a improvisação, o jogo, a aceitação do erro, a apropriação do acaso eram elementos fundamentais dessa estética. Por causa disso e pela problemática da estrutura do ambiente hospitalar, resolvi manter o foco do projeto nas ações do palhaço que, ao longo do tempo, foi se transformando no palhaço visitador.

Como sempre trabalhei em hospital como técnico de enfermagem, ouvi diversas reclamações de pacientes hospitalizados, e suas maiores queixas sempre recaíam sobre a ausência das visitas de seus familiares e amigos. Por isso, o palhaço do Projeto Risadinha ganhou o posto de palhaço visitador. Contudo, a continuidade da minha busca por soluções e esclarecimentos fez-me conhecer o trabalho dos Doutores da Alegria, de São Paulo, os médicos “besteirologistas”. Segundo o depoimento de um de seus integrantes, “os Doutores da Alegria são palhaços que fazem de conta que são médicos para crianças que fazem de conta que acreditam”. (DOUTORES DA ALEGRIA – BALANÇO de 2007, p. 15).

Para alcançar certas respostas sobre a ação do Projeto Risadinha e suas

² Trajeto: As técnicas e princípios que buscam permitir o conhecimento do objeto por parte do sujeito, bem como a história que reúne o sujeito e sua opção pelo objeto. (BIÃO, 2009, p. 39).

³ <http://gdev.ufp.pt/gimed_ps/index.php?id=723>. Data da consulta: 03/02/2011, às 11h15.

implicações no participante, inscrevi o grupo no programa Palhaços em Rede, dos Doutores da Alegria, lançado em 2007:

Respondendo a uma demanda antiga de pessoas e grupos que, inspirados pelo encontro do palhaço com a criança no hospital, tiveram iniciativas semelhantes às dos Doutores da Alegria, a organização lançou em 2007 o Palhaços em Rede, programa de Orientação e Formação para grupos e pessoas que atuam em hospitais utilizando a figura do palhaço. O objetivo dos Palhaços em Rede não é transformar os grupos em Doutores da Alegria, pelo contrário, os temas trabalhados nas oficinas procuram reforçar a identidade de cada um deles. Os Doutores da Alegria não têm uma receita, um manual técnico ou dicas a serem adotadas, mas uma experiência para ser dimensionada. Nas oficinas Palhaços em Rede levamos para os grupos as mesmas perguntas que nos fazemos constantemente: por que ir para o hospital? Por que palhaço? Por que médico? (Soraya Saíde – Coordenadora Nacional de Formação Doutores da Alegria⁴).

Durante o teste do programa Palhaços em Rede, o grupo Risadinha viveu seu maior momento de tensão. Nesse dia aconteceu uma proposição ímpar de um dos nossos palhaços do grupo. Um palhaço visitante gritou “montinho”⁵ e derrubou uma outra palhaça visitadora no chão e se jogou em cima dela. Nessa hora todos os outros palhaços visitantes começaram a cair um em cima do outro. Nesse momento, eu fiquei entre a cruz e a espada. Primeiro porque como palhaço não posso recusar uma proposição do meu colega de ação. E, segundo, porque o meu lado de técnico de enfermagem me dizia que o chão era a pior e mais terrível sugestão que alguém poderia propor por causa do nível de contaminação que ele possui. A partir dessa proposição do “montinho”, todos estavam com as suas vestimentas contaminadas, e isso ocorreu no começo do percurso estabelecido. Obviamente que eu fui o último a me jogar naquele monte de palhaços malucos e desenfreados.



Figura 1 – Palhaços visitantes: Gaubi Beijo do, Gelatina, Adelaide Marmita e Pipino – Foto: Thiago Sabino

⁴ Soraya Saíde – Coordenadora Nacional de Formação Doutores da Alegria. Agosto de 2009. Fonte extraída do *site*: <<http://www.palhacosemrede.org.br/>> Data da consulta: 20 de janeiro de 2011.

⁵ Brincadeira de derrubar alguém e outros se jogam por cima da pessoa derrubada; geralmente, esse ato brincante é realizado por adolescentes e adultos jovens.

O interessante do ocorrido é que uma criança veio nos ajudar, ofertou-nos sua pequena mão e nos tirou daquela situação estapafúrdia. Esse episódio deu-nos um grande ensinamento e o utilizamos como referência histórica do grupo como a pior ideia que um dos nossos palhaços visitantes já teve.

Embora os Doutores da Alegria, no Brasil, seja considerado uma referência do trabalho artístico em hospital, o Programa Palhaços em Rede não ensina uma receita, não dimensiona e transpõe a experiência nos hospitais através de produtos, publicações, espetáculos, programas de formação e orientação e escola de palhaços. Os Palhaços em Rede lida com grupos e formações diferentes e, conseqüentemente, lida com diversos entendimentos sobre a linguagem, a máscara do palhaço e suas finalidades, que na formação e orientação são afinadas ao “como da interação” e ao “como cada palhaço chega e se relaciona com a permissão de uma criança ou adulto num hospital”. Como cada grupo faz isso, diz respeito à sua vocação e aos desdobramentos de sua qualidade e estilo (BOLETIM PALHAÇOS EM REDE, 2008, p. 2).

Não tenho como descrever o quanto o curso do programa Palhaços em Rede resultou em eficácia para as ações do Projeto Risadinha. Todo o entendimento de grupo, projeto social, voluntariado e projeto social profissional, missão do grupo, independência existencial do projeto foram reconhecidos. Participar do programa Palhaços em Rede facilitou a busca de respostas pela troca de experiências.

Sobre o afeto

Ângela de Castro, uma das maiores palhaças do Brasil, reconhecida mundialmente, escreveu:

Durante toda a nossa vida fomos educados para sermos inteligentes, vencermos e sermos bem-sucedidos. Fomos educados a não mostrar nosso lado ridículo e sermos levados a sério. Para os *clowns*⁶, é mais importante jogar, participar, do que vencer. O *clown* é como uma criança que vê o mundo com pura inocência. O *clown* acredita que ninguém nunca irá sacaneá-lo. Por que os adultos não brincam mais? Porque eles querem ser levados a sério. Por que os adultos riem e se emocionam com o *clown*? Porque o *clown* os lembra que eles ainda podem brincar (CASTRO, 1997, p. 8).

O palhaço visitante possui uma missão difícil: proporcionar prazer para aqueles que estão passando por um momento de ausência dele. Para o psicanalista André Green a manifestação do afeto está relacionada com o prazer:

Nenhuma noção está tão diretamente ligada à dimensão histórica quanto o afeto. Quando pensamos no que permanece em nós de irredutivelmente infantil, para não dizer pueril, é no afeto que pensamos. O princípio do prazer tem um papel importante na manutenção do afeto e da isolação do desprazer. Enquanto o prazer predomina, o desprazer mantém sua ausência e, com isso há uma redução nas tensões ao nível mais baixo possível. Quando isso acontece, ou seja, quando o prazer faz aspirar à abolição total das tensões (sobretudo do desprazer) ao nível mais zero, chega-se ao silêncio afetivo total (GREEN, 1982, p. 249).

O palhaço visitante do grupo Risadinha só entra na enfermaria ou só se aproxima do paciente se ele o permitir. Ao se aproximar da porta da enfermaria ou do paciente no corredor, o palhaço visitante sempre pergunta: “oi de casa!

⁶ *Clowns*: palhaços na língua portuguesa.

Tem gente!”, ou “posso te fazer uma visita?”, ou “posso entrar”, ou mais, se for na hora do banho, “tem gente pelada?”. Geralmente, essas perguntas abrem portas, abrem sorrisos e, acima de tudo, abrem o espaço para o jogo do palhaço naquele pequeno cubículo, recheado de cadeiras, mesas de cabeceira, suporte para soro, escada para subir na cama etc. E, entre todos esses elementos, o palhaço visitador deixa-se levar pelo inesperado, e quem realiza o papel de guia é o participante. Sua entrada na enfermaria é cautelosa, o palhaço olha tudo à sua frente, à sua volta e, principalmente, o comportamento do participante.

Quando os palhaços colocam a cabeça para dentro do quarto e pedem permissão para entrar, já da porta identificamos ações milimétricas na criança. Escorrega sutilmente sua mão pela cama, tateando, num ato de procura calmo, delicado. Enquanto busca algo seguro, encara os palhaços tentando entender aquelas figuras. É uma aula viva para qualquer palhaço: sinais econômicos, contundentes e muito generosos, pois nos dão a pista para chegarmos a elas (FERRARA, 2009, p. 12).

Se levarmos em consideração que o afeto localiza-se no corpo manifestado, o palhaço visitador deixa-se levar pelo encontro, ativa o seu processo criativo apoiado na sua subjetividade e observa se no corpo do outro há ou não reações às suas manifestações. E o participante do Projeto Risadinha libera o seu afeto pelas seguintes formas:

- a) pelo sorriso;
- b) pelo corpo que senta e se coloca de frente;
- c) pela vontade de conversar com o palhaço;
- d) pelo olhar curioso;
- e) pelo elogio rasgado;
- f) pela oração ofertada;
- g) pela música cantada em parceria com o palhaço;
- h) pelas perguntas descabidas relativas à vestimenta do palhaço, ao sapato, à maquiagem ou aos seus pertences.

Dentre as diversas manifestações irei relatar uma em especial. Havia uma senhora idosa hospitalizada que sempre estava acompanhada do seu filho. Quando entrávamos na enfermaria ela abria um enorme sorriso, sentava na cama ligeiramente e abria os braços. A primeira vez que entrei no quarto eu fiquei uns oito segundos paralisado. Não sabia o que fazer com a reação daquela senhora simpaticíssima, pois na véspera desse acontecimento tinha ocorrido uma discussão no grupo sobre se devíamos pegar no participante ou não. Tudo porque estávamos preocupados com os riscos da contaminação cruzada. Não queríamos causar problemas para os nossos participantes, mas também não queríamos tratá-los com preconceito ou deixar transparecer que nossa atitude de evitar o contato físico desse tipo de leitura. Fechei os olhos e deixei-me levar pela atitude de um suicida, apaguei o pouco de razão que havia em mim e permiti-me ser abraçado. Assim que o outro palhaço entrou ela renovou o chamado do abraço e ele, sem quê nem por quê, mergulhou profundamente. O terceiro já foi direto. E isso foi-se repetindo em todas as visitas subsequentes.

E um dia, o filho dessa senhora ofertou uma música para nosso trio de

palhaços visitantes. A música é uma paródia da *Let It be*, dos The Beatles:

Não importa se você gosta... do Cebolinha ou da Magali
O importante mesmo é... lê gibi
Lê gibi, lê gibi, lê gibi, lê gibi
O importante mesmo é... lê gibi⁷

Esse evento pode ser considerado a materialização do afeto na relação palhaço, visitante e participante. Uma música pode trazer ao participante conexões do seu passado e irremediavelmente esse sujeito poderá mergulhar em suas lembranças e vinculá-las àquele encontro com o palhaço visitante. Tanto é que, quando entramos numa enfermaria onde a maioria dos pacientes são idosos e ofertamos uma música de domínio público (Alecrim, O cravo e a rosa etc.), ou eles cantam com o palhaço visitante ou choram de emoção.

[...] os agentes provocadores do afeto, evidentemente, são identificáveis no real e no imaginário. Uma percepção evocadora, um embrião de um fantasma, uma palavra ouvida têm repercussões afetivas insuspeitadas (GREEN, 1982, p. 197).

Todo palhaço sabe, ao seu modo, afrontar a ordem social, sabe ignorar o princípio do pensamento lógico e racional e direcionar-se para a parte infantil das pessoas. Ele erra e acerta onde menos se espera. O ambiente hospitalar, com sua regra rígida e restrita, oferece ao palhaço a estrutura adequada para a sua manifestação.

O que essa qualidade revela mais claramente é que o afeto é, então, capaz de desenvolvimentos e de transformações: inibição da qualidade de desprazer e desenvolvimento do prazer e inversamente, fusão de diversas qualidades de prazer e de diversas qualidades de desprazer, ou fusão de prazer e desprazer entre eles, transformações mais ou menos completas de prazer em desprazer ou vice-versa (GREEN, 1982, p. 195).

Muitas vezes, o palhaço visitante do Risadinha observou alterações físicas no corpo do participante. De um simples movimento de olhar, a uma mudança de um corpo considerável — deitado para sentado, com a intenção de melhor observar os seus visitantes. Ou quando o olhar desse participante lhes demonstra desprazer, acontece o ato de negação na manifestação — serram os olhos, viram-se de costas para o palhaço visitante ou puxam o cobertor para cobrir a cabeça. Nessa hora impera-se o silêncio e resta a cumplicidade do entendimento, por parte do palhaço visitante, de que, naquele momento, a sua visita não é desejada.

E assim, entre perdas e danos, sorrisos e lágrimas, nosso palhaço visitante vai embora para casa contando nos dedos das suas mãos os momentos que funcionaram a cumplicidade, os momentos que não funcionaram e os momentos vagos. Porque sempre existe aquela zona “inexistente” que nos diz que há sempre algo a melhorar. E esse algo pode ser a escuta desse palhaço visitante, ou sua criatividade, ou sua cumplicidade. Na sua cabeça ressoam canções e refrões cantados nos corredores e enfermarias, e na lembrança os nomes daqueles Josés e Marias, ou Maikon’s Douglas, ou Jhennyfer’s, Cauany’s, Samantha’s Sophie’s. E assim, o nosso palhaço visitante sai da sua

⁷ Autor desconhecido.

visita regular afetado. Tocado por um sorriso, uma lágrima e/ ou diversas recusas. Contudo, leva para casa consigo mais do que trouxe. E isso não lhe afeta porque sabe que sua mala é igual ao coração de mãe para com seus filhos — sempre tem espaço para mais um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Juscelino Moreira de. (2010). **O riso pela lógica do Palhaço na clinicanálise do sofrimento psíquico grave**. Dissertação de mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, UnB. Orientador: Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa.

BIÃO, Armindo. (2009). **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora.

Doutores da Alegria. **Boletim Palhaços em Rede - Volume 1**. 2008, p. 2.

Balanço 2009 - textos: Ângelo Brandini, Luís Vieira da Rocha, Soraya Saíde, Tatiana Ramos, Thaïs Ferrara e Wellington Nogueira. Doutores da Alegria Projeto Gráfico: ? EC. 2009.

FREUD, S. (1980c). **O humor**. Em edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (originalmente publicado em 1927).

GREEN, André (1982). **O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto**. Trad: Ruth Joffily Dias; revisão técnica de Sonia Alberti. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

MASETTI, Morgana (1998). **Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar**. São Paulo: Palas Atenas.

RAMOS, Tatiana (2009). **Balanço 2009** – Doutores da Alegria. (Contém diversos textos de diversos autores) Doutores da Alegria. São Paulo. 2009.

WADSWORTH, Barry J (1995). **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Trad.: Esméria Rovai; Supervisão editorial Maria Regina Maluf. 3ª. São Paulo: Editora São Paulo: Pioneira.